

Memórias de paisagens vividas na pandemia de Covid-19: compreensões de um desastre socioambiental

**Experienced-landscapes memories during the COVID-19 pandemic:
understandings of a socio-environmental disaster**

Fernanda Dalonso

Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina

contatoacademico.dalonso@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4720-0371> 

Mariluci Neis Carelli

Doutora em Engenharia da Produção

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina

mariluci.carelli@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0107-383X> 

Roberta Barros Meira

Doutora em História Econômica

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina

rbmeira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7739-216X> 

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir as paisagens vividas durante a pandemia de Covid-19. Abordam a somatória de entendimentos sobre a adaptação e as circunstâncias da vida. Paisagem vivida funde-se com aquilo que fazemos cotidianamente no ambiente em que estamos inseridos e apresenta atributos decorrentes de situações concretas significativas do mundo vivido. As paisagens compartilhadas na pesquisa são ações narrativas, ou descrições orais, de lugares impactados na vida de sujeitos durante a pandemia de Covid-19. Foi adotada uma metodologia que previu a coleta de narrativas sobre as paisagens vividas. Das memórias capturadas emergiram blocos de compreensão como unidades temáticas acerca da discussão sobre paisagem viva cotidiana. Buscou-se captar experiências de paisagens vividas locais em época de pandemia e as potencialidades da memória para pensar as pandemias plurais. Considera-se a pandemia decorrente da Covid-19 um desastre socioambiental que não foi igual para todos.

Palavras-chave: paisagem viva; narrativas; pandemia; memória; Covid-19.

Abstract: The objective of this article was to discuss the landscapes experienced during the COVID-19 pandemic. Which address the sum of understandings about adaptation and life circumstances. Lived landscape merges with what we do daily in the environment in which we are inserted and presents attributes arising from significant concrete situations in the lived world. The landscapes shared in the research are narrative actions, or oral descriptions, of places impacted on the lives of subjects during the COVID-19 pandemic. The adopted

methodology provided the collection of narratives about experienced landscapes. From the captured memories, blocks of understanding emerged as thematic units on the discussion about everyday lived landscape. The aim was to capture experiences of local lived landscapes during the pandemic and the potential of memory to think about plural pandemics. The pandemic resulting from Covid-19 is considered a socio-environmental disaster that was not the same for everyone.

Keywords: experienced landscape; narratives; pandemic; memory; COVID-19.

Introdução

Este artigo insere-se no eixo temático sociedade e meio ambiente, que abrange as humanidades e os estudos sociais no exercício interdisciplinar de abarcar saberes dos campos ecológico, filosófico, psicológico, sociológico e do patrimônio cultural. A escolha pela denominação *paisagens vividas* se deu no percurso de pesquisa e se aproxima da ideia da experiência fenomenológica pandêmica (Butler, 2022) como um desastre socioambiental (Nodari; Espíndola; Lopes, 2015), e não como um desastre natural.

Costuma-se pensar paisagem como uma imagem sobre o mundo, fixa e globalizante. Essa perspectiva coexiste, mas não é suficiente na ótica deste artigo. Este estudo concebe paisagem diferentemente. Estão no centro a experiência e o vivido do ponto de vista da vida das pessoas. Para tanto, a paisagem funde-se com aquilo que fazemos cotidianamente no ambiente em que estamos inseridos e apresenta atributos decorrentes de situações concretas significativas.

Com o desafio de ver o visível e o invisível do mundo vivido, abre-se como ponto de diálogo a invocação da visão fenomenológica. A fenomenologia pandêmica (Butler, 2022) parece ser um interessante ponto de discussão para o diálogo com outros teóricos do campo. O vírus é invisível, assim como os sentimentos das pessoas na composição das paisagens vividas.

As reflexões sobre a experiência fenomenológica acionam o viés clássico, passando por uma atualização sob olhares críticos e outras aproximações teóricas. As discussões a respeito da fenomenologia husseriana e o exercício teórico de colocar o mundo entre parênteses encontram na narrativa do fenômeno uma via para se compreender a paisagem, que primeiramente é vivida, memorada e, então, talvez narrada. Se colocarmos a paisagem como um quadro, temos a chance de pensar que este é um dado de um momento e de um lugar: eis aqui “a paisagem” (Besse, 2014, p. 48). Para além disso, as paisagens vividas (por exemplo, durante o fenômeno pandêmico) se aproximam da narrativa do mundo dos fatos e dos estados de coisas visadas pela enunciação (Ricoeur, 2014), quando “há paisagem” (Besse, 2014, p. 48).

A questão principal da pesquisa consiste em compreender e problematizar as paisagens vividas em época de pandemia de Covid-19¹. Portanto, para entender a paisagem como paisagem vivida, soma-se à obra de Jean-Marc Besse (2014) *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* a de John Brinckerhoff Jackson² (1984) intitulada *Discovering the vernacular landscape*.

A paisagem vivida aproxima-se de uma somatória de compreensões sobre o sentido atribuído pelos sujeitos no âmbito da experiência pandêmica (Covid-19). A ênfase segue em compreender o que é vivido, as adaptações e circunstâncias sobre a “fábrica ordinária da paisagem” (Besse, 2014, p. 127), na qual se depende mais de táticas do que de modelos estratégicos. Esse é um sentido emprestado por Besse (2014) de Michel de Certeau (2014) para explicar que a paisagem, no sentido vernacular, não é estática e que o universo dos costumes (não do plano) não é necessariamente a repetição, mas tentativas de viver, táticas de sobrevivência, uma paisagem existencial. Paisagem vernacular é aquela do mundo vivido, da existência cotidiana.

Em função do objetivo central deste estudo, discutir as paisagens vividas durante a pandemia de Covid-19, o percurso metodológico da pesquisa seguiu sob influência dos trabalhos de Michel de Certeau (2013; 2014) acerca da vida cotidiana, propondo uma paisagem de pesquisa baseada nos modos de operação das práticas cotidianas locais. As paisagens vividas foram captadas pela enunciação das ações narrativas. São no total seis narrativas, e o universo da pesquisa foi a comunidade acadêmica da Universidade da Região de Joinville (Santa Catarina, Brasil), no período de março de 2021 até dezembro de 2022.

Para a tratativa dos dados empíricos, as paisagens narradas passaram por: produção da narrativa oral; textualização; validação dos textos narrativos em encontros individuais; identificação e organização de pontos de compreensão com a colaboração dos participantes; organização de blocos para compreensão das unidades temáticas, empregando a abordagem comparativa dos dados; e uma investigação contextualizada,

¹ Para informações sobre a pandemia de Covid-19, consultar a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), vinculada ao Ministério da Saúde do Brasil, considerada a mais destacada instituição de ciência e tecnologia em saúde da América Latina (Fiocruz, 2023).

² John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), formado em história e literatura em Harvard, estudou brevemente arquitetura no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Fundou a revista *Landscape*, da qual foi editor de 1951 a 1968, e nela publicou e escreveu grande parte do conteúdo. Em 1986, durante o discurso para a formatura da Universidade da Califórnia em Berkeley, onde lecionava, Jackson apresentou sua concepção sobre a geografia que ele defendia, como um campo de pesquisa relacional e empírico, com base na curiosidade de um amador e nas maneiras comuns de se habitar (Ballesta, 2016). O autor falou do eleitorado da geografia, que não era composto de acadêmicos, mas de milhões de cidadãos que sentem as mudanças entre cenários e pessoas. Mencionou ter sido um geógrafo amador e, nesse mesmo discurso, compartilhou várias experiências que o influenciaram, entre elas a convivência com Carl Sauer (Ballesta, 2016).

que incluiu a revisão de literatura alinhada ao objetivo estabelecido. Alianças entre autores emergiram nos blocos de compreensão. Para a discussão sobre as relações entre ambiente e subjetividades na experiência fenomenológica pandêmica, foram escolhidas como guias principais as ideias de Ailton Krenak (2020) no livro *A vida não é útil* e de Judith Butler (2022) no livro *Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica*.

Percepções acerca da relação entre subjetividades e ambiente em estudos sobre paisagem cultural e Covid-19 seguem o caminho interdisciplinar ecológico, filosófico, psicológico, sociológico e do patrimônio cultural — como a paisagem precisa ser problematizada em tempos de pandemia.

O artigo está organizado primeiramente com a discussão teórica da experiência fenomenológica pandêmica na perspectiva conceitual sobre desastres socioambientais. Também são apresentadas e discutidas concepções sobre paisagem vivida, transitando por dois conceitos de Besse (2014): a paisagem política e, de maneira especial, a paisagem vernacular, no âmbito do patrimônio vivido. Os pontos de compreensão identificados e sistematizados evidenciam o vernacular na paisagem, aqui apresentados especificamente: o que é o local na paisagem.

A experiência fenomenológica pandêmica como um desastre socioambiental

A palavra *pandemia* tem origem no termo grego *pán-demos*, que significa o povo-em-todo-lugar, ou seja, algo que se espalha pelo povo. Isso nos leva a refletir sobre a interconexão e a porosidade que existem entre todas as pessoas, independentemente de barreiras legais (Butler, 2022).

Nossa experiência em época de Covid-19 evidenciou a conexão vital entre o mundo e nosso corpo — partes do mundo são assimiladas por nós, sugerindo uma conexão vital. É um exercício de volta para o mundo, de prestarmos atenção sobre a noção pragmática e insustentável do mundo como algo separado, como um mero suporte para nossas ações e intervenções. Butler (2022) discute a fenomenologia pandêmica e questiona o tipo de mundo em que estamos vivendo. Um conceito menos antropocêntrico, como o planetário (Butler, 2022), pode ajudar a ampliar essa discussão.

Habitar a terra é parte do que é vivível; as relações são interdependentes e corporificadas por meio do entrelaçamento e da porosidade do mundo/corpo. A abordagem fenomenológica pandêmica de Butler (2022) oferece uma interessante base para o diálogo com outros teóricos. Ao refletir sobre a experiência fenomenológica, a autora leva-nos a explorar perspectivas clássicas, como a de Merleau-Ponty (2000), que

também é acionada por Besse (2014), para discutir a vivência da paisagem. Além desses autores, podemos recorrer à reflexão husserliana quando Butler (2022) menciona a crítica à redução fenomenológica.

A discussão sobre a fenomenologia husserliana e o exercício teórico de colocar o mundo entre parênteses encontram na narrativa do fenômeno uma forma de compreender a paisagem, que é primeiramente vivida e, talvez, só então falada. Enquanto em um quadro, por exemplo, temos a paisagem como uma representação de um momento e de um lugar vivido, eis aqui “há paisagem”. A fenomenologia crítica (Butler, 2022) permite-nos ver esse “há paisagem” e tornar visíveis elementos vernaculares.

A perspectiva conceitual sobre desastres socioambientais surge do entendimento de Nodari, Espíndola e Lopes (2015). O fenômeno é tanto de origem física quanto humana, em diferentes escalas. Nessa perspectiva, o ambiente atualmente resulta da intervenção humana, rompendo assim com uma ideia naturalizada estabelecida anteriormente sobre os desastres ambientais, caracterizando uma relação homem e natureza contraditória. À discussão sobre os processos de apropriação da natureza na área das ciências humanas, soma-se a preocupação atual em relação aos problemas ambientais. Nós, seres humanos, nos tornamos o principal agente de mudanças em todo o sistema planetário (Viola; Basso, 2016). No entanto, ao ultrapassarmos os limites do planeta, corremos o risco de colocar em perigo a nossa própria sobrevivência como espécie. Essa ultrapassagem ocorre em razão dos modelos de desenvolvimento que adotamos, particularmente nos padrões de produção e consumo do mercado (Guerreiro Ramos, 1981), bem como no uso de combustíveis fósseis como a principal fonte de energia.

O Antropoceno marca uma nova era geológica. A estabilidade planetária está gradualmente se perdendo por causa da atividade humana (Viola; Basso, 2016). A captura conceitual de desastres socioambientais se aproxima da ideia proposta sobre uma narrativa crítica do Antropoceno (Sklair, 2019). As transformações ambientais causadas pela sociedade podem ser intencionais ou involuntárias e levar à destruição das condições necessárias para a existência social e territorial. Isso ocorre porque essas particularidades estão ligadas à maneira como cada formação social estabelece a relação com o ambiente.

Paisagem vivida

Paisagem vernacular, habitada e vivida? Jackson (1984), quando opõe o vernacular ao político, chama a paisagem vernacular, em alguns momentos, de paisagem

habitada e, em outros, de paisagem vivida (Besse, 2014). Aqui não está posta a diferenciação das paisagens, mas o que as aproxima, a paisagem do nosso estar no mundo, sobre sermos habitantes desse mundo. Opta-se, ao longo deste artigo, pela denominação paisagens vividas, por se aproximar da ideia da fenomenologia pandêmica como um desastre socioambiental.

Filósofo e doutor em história, Jean-Marc Besse (2014) tensiona o conceito de paisagem que por muito tempo foi satisfatório nos estudos e apresentações do tema, geralmente de um ponto que permite certo domínio visual, que gera ao espectador prazer estético, ou seja, como um conceito pitoresco e ornamental normalmente ligado ao que é natural. O autor afirma que tal conceito está em crise, apesar de muito vivo, sobretudo nas expressões comerciais. Quais são os acessos possíveis às paisagens além da vista? Qual é a relação entre paisagem e poder? Qual é o teor ideológico da paisagem? Quais valores uma paisagem propõe? Ao provocar outras entradas para a discussão paisagística, o autor apresenta sua visão acerca de novas exigências teóricas e práticas sobre paisagens.

Uma delas é a paisagem vivida. Uma paisagem efêmera e que não é apropriada, seja por um indivíduo, seja por um grupo. Que não existe pela permanência enraizada, pois é paisagem que habitamos. Besse (2014) discute o político e o vernacular na paisagem e evoca os estudos de Jackson (1984) para essa distinção. A política na paisagem resulta de decisão-poder, caracterizada e marcada por uma grande escala, por grandes obras que organizam o território, como, por exemplo, a estrada política que modifica os locais e solos onde se assenta, em um sistema que é técnico. A paisagem vernacular é muito próxima ao que se entende por mundo da vida (Besse, 2014), como a estrada vernacular, que é aquela à qual grandes estradas não levam, mas, sim, às trilhas, aos caminhos rurais, às estradas antigas, às estradas que se ajustam e se modificam conforme sua prática (e não o contrário).

Sobre a natureza do termo *vernacular*, Jackson (1984) apontou o que na arquitetura geralmente é usado para algo tradicional, indicando moradia rural ou de cidade pequena construída pelo homem em seu cotidiano, com técnicas locais e com o ambiente local em mente. Não está sujeito à moda. Por isso, a palavra atemporal é designada muitas vezes para descrever as construções vernaculares. Pesquisadores da arquitetura descobriram o vernáculo e desenvolveram grande parte das primeiras pesquisas, no entanto outros campos de estudo, como a geografia, a história (sobretudo a história social) e a arqueologia, contribuíram para ampliar a definição de vernacular (Jackson, 1984).

A paisagem vernacular está em consonância com a comunidade, pois é a forma de assentamento de tipo não político que escapa ao poder, como o subúrbio. A relação próxima com o ambiente é típica da paisagem habitada. Já a paisagem política é indiferente à topografia e à cultura do território. A singularidade da paisagem habitada é o que a define, com seus hábitos e costumes acumulados ao longo de uma lenta adaptação ao lugar, à topografia local.

Jackson (1984) voltou seu olhar para uma abordagem que chama de primitiva e realista. O que suscitou, nesse ponto, foi sobre o público conhecer a sua própria paisagem muito melhor que os especialistas. Ou seja, assim como gostamos de ouvir uma cartomante falar sobre nosso próprio caráter, gostamos de ouvir os oradores falarem dos nossos locais³. E aí perceber o quanto complexo pode ser um tópico que emerge da vida cotidiana.

Paisagem vivida abrange a experiência do patrimônio vivido, numa perspectiva “compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca. A paisagem é, neste caso, antes de tudo, uma experiência” (Besse, 2014, p. 47). Quando partem do vernacular, os protagonistas são pessoas que ressignificam suas memórias do lugar praticado.

A denominação paisagem vivida é uma tentativa de compreender a paisagem pelo viés do mundo da vida cotidiana. Quando captadas pela enunciação, por meio da ação de compartilhar memórias sobre os lugares praticados, as paisagens abrangem as discussões apresentadas anteriormente a respeito da coexistência com a política e aproximam-se das características habitadas e vernaculares.

Sobre o olhar para aquilo que torna visível o vernacular, Jackson (1984) e Besse (2014) apontam três elementos. O primeiro é o lado ancilar da palavra *verna*, que, na origem, designa escravo ligado a um lugar ou à casa de um senhor. O segundo elemento é sua ordem residual. O vernacular está sempre nas margens, nas franjas, e não é definido como apropriado ou enraizado. Trata-se de um espaço intermediário de contato e trocas entre subjetividades e ambiente, aquilo que está sujeito às mudanças rápidas no uso, proximidade de característica efêmera da paisagem. O terceiro elemento consiste em sua característica temporal sobre a adaptação das circunstâncias, do universo dos costumes, que aqui não significa necessariamente “o confinamento na repetição da

³ Então, Jackson (1984) provocou os formandos de geografia com uma metáfora: que se fosse espalhar o evangelho de conhecer o mundo vivido, ele deixaria temporariamente para trás o acadêmico e faria o melhor dele para converter os pagãos, descomplicando palestras, evitando críticas e conselhos, porém num jogo de ideias para despertar o interesse, ouvir e, assim, ser ouvido (Ballesta, 2016).

tradição” (Besse, 2014, p. 128), tampouco da ordem do plano. São as táticas, não as estratégias.

Vamos nos ater aqui ao primeiro elemento, no sentido que o local representa nessa compreensão, por exemplo, a língua localmente entendida é vernacular. Trata-se de uma tarefa desafiadora, por não apresentar marcações políticas com as igrejas, represas e castelos, por exemplo. É o “senso do lugar” (Jackson, 1984, p. 54); não uma lei, mas uma maneira especial de se vestir, de ter senhas e segredos do lugar. As coisas que excluem um forasteiro, mais do que fronteiras, são as coisas sensoriais que identificam a paisagem habitada e seus habitantes, como o sabor do prato local, cheiros, uma música, o sino da vila e um sotaque próprio.

Metodologia e paisagem de pesquisa

A pesquisa teve como universo a comunidade acadêmica da Univille, que, de acordo com seu regimento, nas disposições comuns da comunidade acadêmica, define no Art. 148 que “a comunidade acadêmica é constituída por profissionais da educação, pessoal administrativo e corpo discente da Furj/Univille” (Conselho Universitário, 2016). Por ser um grupo diverso de sujeitos que sofreram o impacto da pandemia, o recorte e o direcionamento abrangem o contexto acadêmico de uma universidade comunitária que atende à região de Joinville, cidade mais populosa do estado catarinense, estimada em 664.541 habitantes (IBGE, 2025).

O aporte central para o desenvolvimento metodológico da pesquisa segue com a experiência de Michael de Certeau em seus trabalhos publicados nos livros *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (Certeau, 2014) e *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar* (Certeau, 2013). Como proposto pelo autor, criou-se uma paisagem de pesquisa constituída de um caminho de estudo que se baseou nas experiências locais comuns, cujo campo de ação da operatividade dos praticantes está na “incrível abundância inventiva das práticas cotidianas” (Certeau, 2013, p. 342). As paisagens vividas compartilhadas na pesquisa são ações narrativas, ou descrições orais de lugares comuns. Foram captadas pela enunciação, que apresenta elementos do lugar praticado.

O momento da produção empírica dos dados foi realizado com seis paisagens narradas, no período de março de 2021 até dezembro de 2022. Somaram-se a esse processo arquivos pessoais e produções desenvolvidas durante a disciplina Estudos Avançados em Cultura, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável, do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.

Os participantes colaboradores da pesquisa foram selecionados de forma aleatória e convidados a participar por meio de mensagens de texto e áudio enviadas por aplicativos de comunicação móvel (em função das orientações para o distanciamento social em função da pandemia). Juntamente com o convite, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi assinado digitalmente. Aos participantes, foi solicitado o compartilhamento de narrativas sobre suas paisagens vividas durante a pandemia de Covid-19. As narrativas foram gravadas para transcrição e uso na pesquisa, sem a identificação dos participantes.

A transcrição dos áudios passou pelo processo de textualização, e a oralidade da narrativa foi transformada em textos narrativos, seguindo o percurso proposto por Carvalho *et al.* (2021). Os textos foram colocados em primeira pessoa, e foram retiradas as perguntas da entrevista e as repetições. Os fatos narrados foram organizados de maneira que houvesse fluidez no texto. Expressões e especificidades da oralidade foram traduzidas para a linguagem escrita. Para a organização da produção empírica, as seis paisagens foram identificadas por letras e dispostas conforme a sequência cronológica das entrevistas.

Para manter o compromisso de aproximar os textos narrativos do sentido original compartilhado, ocorreram encontros individuais com os participantes da pesquisa, entre fevereiro e junho de 2023, para sua conferência e aprovação. Os encontros foram registrados por gravação, e cada participante da enunciação falou sobre sua relação com a paisagem narrada. Nesse momento da pesquisa, foi realizada uma conversa aberta, relembrando e reavivando as experiências vividas. Descreveram-se fatos marcantes e associados ao que foi vivido durante a pandemia, contribuindo para a identificação de elementos que foram levados para a compreensão interpretativa.

Com o intuito de compreender as paisagens vividas narradas, a experiência de Carvalho *et al.* (2021) serviu como um guia para lidar com as dificuldades de organizar e compreender as produções empíricas com características qualitativas. O método proposto diante desse desafio foi o de recontar as experiências. Para não serem apontados simplesmente os principais acontecimentos, propôs-se “redigir as apresentações relembrando, reavivando, contando, narrando” (Carvalho *et al.*, 2021, p. 5). Optou-se por transformar os encontros de validação dos textos narrativos em textos descritivos, que metodologicamente possibilitaram capturar pontos a serem compreendidos no conjunto de paisagens vividas. Após várias leituras das narrativas e de suas descrições, as capturas para as compreensões foram nomeadas. Trechos significativos que chamaram a atenção foram destacados, acionando os registros da

colaboração ativa de cada participante da pesquisa. Essas capturas são os trechos específicos que foram compreendidos em blocos.

Com a proposta de tornar visível o vernacular das paisagens vividas, blocos para compreensão foram criados com base nas pesquisas de Jackson (1984) e Besse (2014). Os elementos apresentados pelos autores para compreender onde se encontra e como se caracteriza a paisagem vernacular foram renomeados e apresentados para o estudo de paisagem vivida cotidiana. Apresentados em blocos, atém-se aqui ao bloco que aborda o que é o local na paisagem.

A compreensão dos dados empíricos teve como referência a revisão de literatura, convergindo com os objetivos propostos. A organização, o cruzamento das informações e as compreensões dos blocos se deram mediante a produção empírica das narrativas produzidas, prosseguindo com o emprego da estratégia de comparação contextualizada dos dados, conforme a revisão de literatura, o problema de pesquisa e os objetivos delineados.

Compreensões vernaculares do fenômeno pandêmico

Recontar de maneira descritiva as narrativas foi um meio de abarcar a diversidade das memórias, de modo que o entendimento e a discussão ocorressem pela apresentação do cruzamento entre os textos narrativos e as observações registradas em campo. As paisagens foram instituídas pelos participantes, que as narraram e compartilharam o modo como se relacionam com a paisagem vivida.

Compreensões sobre o que é o local na paisagem

Enquanto lia o texto narrativo, a participante da paisagem “Ângulo da minha janela” relatou que, no decorrer do tempo que passou entre o dia em que compartilhou a paisagem até a leitura do texto narrativo, muitas coisas haviam mudado em sua vida. Destacou, nessa compreensão, a mudança de endereço após seu divórcio e reforçou que, mesmo assim, a sua relação com a janela permanecia *“uma paisagem que criei como um momento de fuga, um deleite em meio ao caos: é um ângulo da minha janela. [...] Nesse dia eu precisei trabalhar no quarto e olhei para aquele ângulo, tinha só a natureza”* (Paisagem A). Ela percebeu que no lugar em que estava morando naquele momento não avistava o mesmo ângulo do pôr do sol que tinha seu apartamento anterior. Embora a localização atual fosse privilegiada em relação à vista sobre o patrimônio da cidade, e

com poucos prédios próximos, dizia não se reconhecer nessa paisagem. Referenciou o lugar atual como um lugar de passagem, metaforicamente um deserto pelo qual precisava passar, um lugar de recomeço, mas um recomeço sem paisagem. Ainda que sua paisagem narrada já não fosse mais acessível, lembrava com frequência essa experiência, olhar para fora, pela janela, e sentir-se pertencente ao bairro onde morava.

Destacam-se aqui os aspectos para além da janela da paisagem “Ângulo da minha janela”, em que o bairro e a comunidade aparecem no contexto de seus comentários. Era ali que a participante da pesquisa dizia ser uma pessoa que pertencia àquela paisagem narrada, e, depois que saiu dessa paisagem, quando foi morar em outro bairro, a sensação de estar naquela paisagem não foi esquecida. Essa relação é local; o lar vernacular é um microambiente que depende da comunidade como suporte para as formas de se assentar (Jackson, 1984), não como entidade política, mas como fonte de serviços, por exemplo. São a vida pessoal e a vida na cidade juntas, colocando esse momento de compreensão sobre sua relação com o ambiente. O bairro é apropriado na forma de privatização pelos hábitos e modos de vida dos que usam essa paisagem (Besse, 2014).

Lendo sua narrativa textualizada, emocionou-se, porque a narrativa a fez entrar em contato com o que aquela janelinha significava para ela naquele momento vivido. Habitar um lugar, ou seja, transformá-lo em um lugar habitado, é principalmente desenvolver hábitos nele e vivê-lo de forma regular no cotidiano. Jackson (1984) exemplifica que há momentos em que mudamos de hábito, e isso pode nos levar a mudar de residência também. Aquilo que Jackson (1984) chama de paisagem vernacular se refere a esse processo gradativo de habitar o mundo, marcando-o com nossos próprios hábitos. Porque habitar é uma ação (Besse, 2014).

Aqui temos o que Jackson (1984) chama de senso do lugar, ou seja, as formas de identificar uma paisagem habitada e seus habitantes, que são também sensoriais. Em uma cidade, por exemplo, temos aquelas características do que não é dito, os segredos do local — assim como o gosto de uma comida ou um cheiro específico. Transportando essa característica vernacular para os espaços privados, tem-se a mesma condição para olhar aquilo que é o local das paisagens cotidianas narradas. Aquele canto da janela com um pôr do sol que está nessa ordem sensorial aplica a ele uma característica específica da paisagem habitada e que não pode ser reproduzida em outro lugar, pois “sensações como essas nunca são totalmente esquecidas, não que sejam muito pensadas, mas nos lembram que estamos onde pertencemos e igualmente importantes, eu acho: elas não

são compartilhadas com pessoas de fora” (Jackson, 1984, p. 54). São características do senso do lugar no qual um forasteiro não conseguiria se incluir.

Uma participante descreveu detalhadamente as características sensoriais de sua paisagem em “Montanhas por entre um vale e o riozinho”:

Possui vários cheiros. No inverno, por exemplo, que o ar é mais seco, o cheiro da grama pisada pelas vacas se mistura com esterco, exala um cheiro muito característico dos potreiros do sul do Brasil. Na primavera tem uma explosão de aromas, por causa das flores, é delicioso! Tem flor de eucalipto, de maria-mole, de *guaixumba* [expressão local para guanxuma] e várias flores silvestres. No verão o ar vai ficar um pouquinho mais quente, e o cheiro predominante é de terra seca, como se fosse poeira. No outono eu acho que o que mais predomina é o cheiro de terra molhada mesmo. A paisagem possui muitos sons. Som de vento batendo nas folhas, som de mosquito, som de abelha e de vários passarinhos! De vaca mugindo, de bezerro berrando e de mula orneando. O céu também varia muito, tanto no horário do dia quanto na estação que se está. Quando está ensolarado, às vezes é um azul mais claro e outras vezes um azul mais escuro (Paisagem B).

Ela compartilhou a sua relação com a paisagem incluindo as características sensoriais conectadas à experiência vivida, bem como um detalhe que não passou despercebido: a palavra *guaixumba*, que foi verbalizada pela participante, é um modo local de nomear a planta guanxuma⁴. “A língua vernacular é a língua que é localmente entendida, e a paisagem vernacular designará, em primeiro lugar, uma paisagem que poderíamos chamar de ‘proximidade’” (Besse, 2014, p. 126). São essas características que dão o tom local. Nesse caso, não estão associadas à discussão de práticas culturais reproduzidas e salvaguardadas, ou como a tradição espetacularizada, mas ao fenômeno cotidiano da vida.

Giddens (2007) enfatiza que, ao compreender a ideia de tradição, é necessário considerar que o termo, tal como utilizado atualmente, é um produto da modernidade. Nesse contexto, a tradição, espetacularizada e difundida pelo *slogan* da globalização, esvaziada de experiência, pode ser comercializada até mesmo como suvenires de aeroportos, no entanto pode manifestar-se de maneira não tradicional, pois a cerimônia e a repetição têm papel social relevante. De todo modo, à medida que esse papel se

⁴ Segundo Diego Márlon Ferro (2019), doutor em engenharia de alimentos, a popularidade da guanxuma (*Sida rhombifolia* L.) como erva medicinal é reconhecida em várias partes do mundo, apesar da escassez de estudos mais aprofundados sobre seus benefícios. É considerada uma erva daninha pela agricultura convencional, conhecida no Brasil como guanxuma ou guaxuma, também vassourinha ou relógio. Apresenta flores amarelas, uma planta ereta, com folhas de 1 a 3 centímetros, medindo de 30 a 80 centímetros de altura.

transforma, novas dinâmicas são introduzidas. “Ali onde a tradição recuou, somos forçados a viver de uma maneira mais aberta e reflexiva” (Giddens, 2007, p. 55).

Quando Jackson (1984) e Besse (2014) trazem essas características, apresentam uma conotação muito peculiar ao que entendem como costumes e práticas, que são as conversas das pessoas com a paisagem, o mundo do uso cotidiano das coisas. Sobre as possíveis capturas para a compreensão de sua narrativa, a participante exclamava o que poderia ser um fato curioso, pois tinha vários lugares que ela usufruía em seu sítio, como a mata ou perto do rio, uma cachoeira, lugares que frequentava desde criança, mas na pandemia escolhia especificamente este lugar: “*A paisagem que escolhi é composta de montanhas e um vale por entre elas. No vale tem um rizinho, que é protegido por floresta tropical, que acompanha o seu percurso. Eu gosto de me assentar no alto de uma dessas montanhas*” (Paisagem B). Ao mesmo tempo que buscava lembrar, dizia não saber explicar essa escolha, e foi pensando em quais razões a levaram para lá que ela começou a apresentar um percurso de relação com o ambiente.

Disse que esse lugar viera espontaneamente em sua mente, pois estava muito conectada naquela fase da vida, em época de pandemia, então nem pensou nos outros lugares. Essa paisagem a marcou demais, porque ela ia para lá para meditar antes de seu pai falecer de Covid-19 e foi para lá também quando seu pai faleceu. Era um lugar de tomada de decisões. Lembrou-se das escolhas que precisava fazer durante a faculdade, ainda no quarto ano do curso, pois precisava organizar suas atividades do sítio com seus pais conforme o estágio da faculdade. Depois, foi o lugar em que precisou lidar com outras questões mais difíceis após o falecimento do pai, como a mudança de cidade e, assim, terminar o quinto e último ano da graduação. “*Foi a essa paisagem que eu vim quando o meu pai faleceu de Covid-19, para me encontrar com a dor, para me reorganizar, para encontrar o meu pai em mim, para ver e sentir novamente a esperança desabrochar*” (Paisagem B). Quando comentava sobre esse ponto, comprehendeu, pensativa e com uma expressão que carregava peso nos olhos, que naquele momento precisava organizar tudo aquilo, referindo-se ao processo de luto pelo pai, que faleceu no dia 30 de março de 2021, às questões burocráticas em torno da morte, à morte das plantações orgânicas de um sítio sustentável muito produtivo e aos projetos de sua vida nesse lugar.

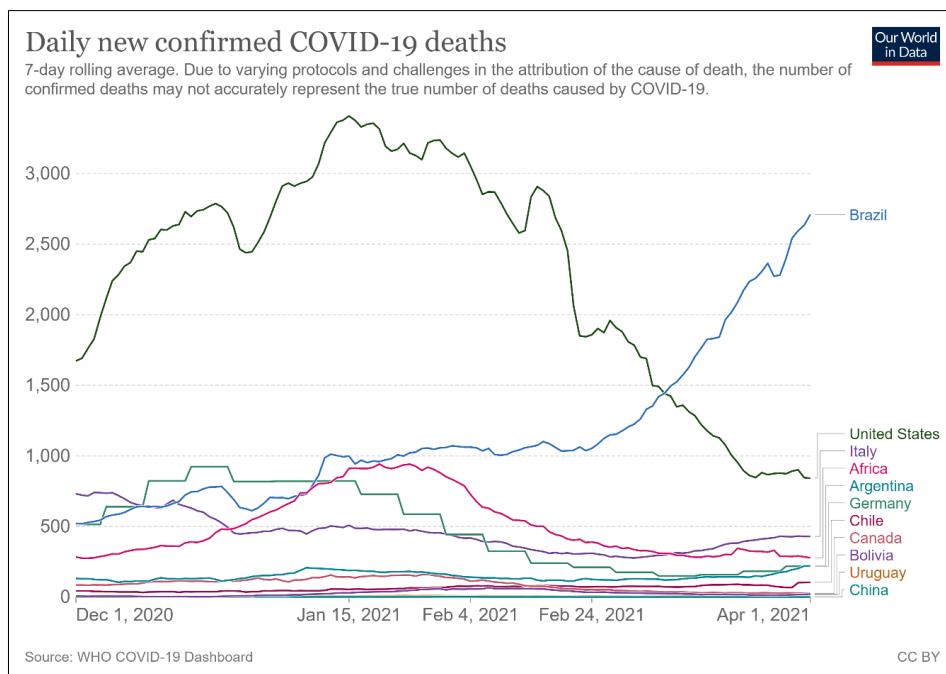
Nota-se que as perdas se sobrepõem. No sentido local de sua paisagem, é na descrição da narrativa que segue a abertura para uma reflexão sobre o exercício fenomenológico crítico (Butler, 2022) de tornar visível o que está tão perto de nós e que, por isso, não vemos. Esse momento local da paisagem narrada por ela a conecta com o que não pode ser vivido e sentido por aqueles que são de fora. Mas tem uma

contextualização temporal que está tão perto e que, por isso, corremos o risco de deixar de ver: essas perdas aconteceram em época do povo-em-todo-lugar, significado atribuído à palavra grega *pán-demos* (Butler, 2022). A fenomenologia colocou-se, aqui, em contraponto à naturalização das perdas.

No mundo da vida, o povo-em-todo-lugar e a vida são imersos em pesar na medida em que as narrativas de perda se sobrepõem: “O celular no hospital como único contato possível; ter a entrada barrada na porta do hospital; a impossibilidade de chegar a um hospital ou conseguir ser internado” (Butler, 2022, p. 56).

Seguindo com a descrição dessa paisagem, que coexiste com uma paisagem que também é política, fez-se uma busca nas publicações da *Our World in Data* (OWID), uma plataforma de publicação digital que tem como finalidade tornar acessível o conhecimento sobre pobreza, doença, fome, mudança climática, guerra, riscos existenciais e desigualdade por meio de pesquisas e dados do mundo (OWID, 2023). Em 30 de março de 2021, dia do falecimento do pai da participante, a OWID apresentava um número elevado de mortes por Covid-19 no Brasil em comparação com outros países. Enquanto o Brasil chegava ao número de 2.599 mortos, os Estados Unidos apresentavam 901 e a Itália 431. No Gráfico 1, podemos observar os dados.

Gráfico 1 — Mortes diárias por Covid-19 entre 1º de dezembro de 2020 e 1º de abril de 2021.



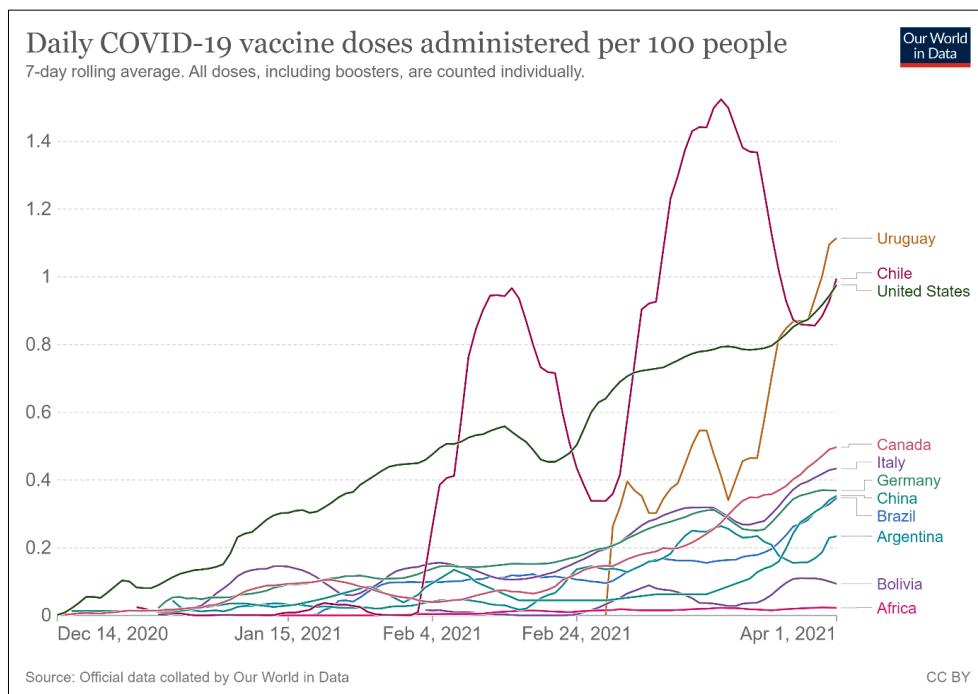
Fonte: OWID (2023).

[Descrição da imagem] Gráfico que mostra as mortes diárias por Covid-19 entre 1 de dezembro de 2020 e 1 de abril de 2021 no mundo [Fim da descrição].

Na paisagem política/de poder, apesar de vivermos em um conjunto de condições em um efeito pandêmico, o sentido dado ao povo-em-todo-lugar é compreendido como aquilo que se espalha pelo povo, mas que, nota-se, não é igual para todos. A pandemia não criou uma condição única de se viver esse fenômeno; não se separam as condições sociais e ecológicas existentes. Entende-se que, em geral, vivemos uma atmosfera de perdas e pesar, mas parte de nós viveu sofrimentos que foram observados por outra parte que estava mais assegurada (Butler, 2022).

Nesse mesmo dia, recortado para a descrição da paisagem e compreensão de alguns pontos, o Brasil registrava um número elevado de óbitos em relação ao de outros países. Proporcionalmente, a cada 100 pessoas, as médias brasileiras de vacinação estavam menores do que no Uruguai, Chile, Estados Unidos, Canadá, Itália, Alemanha e China, e a África estava em último lugar, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 — Doses diárias de vacinas da Covid-19 administradas a cada 100 pessoas entre 14 de dezembro de 2020 e 1º de abril de 2021.



Fonte: OWID (2023).

[Descrição da imagem] Gráfico que mostra doses diárias de vacina contra a Covid-19 administradas a cada 100 pessoas entre 14 de dezembro de 2020 e 1 de abril de 2021 no mundo [Fim da descrição].

A paisagem vernacular apresenta pontos de compreensão que se superpõem à paisagem política. O mundo que compartilhamos não é um mundo em comum (Butler, 2022). Tendo como ponto de partida o falecimento de um pai, apenas no recorte de sua data de óbito, chega-se à compreensão sobre as desigualdades raciais e econômicas da

paisagem política. Enquanto as vacinas se tornam acessíveis aos países que podem pagar por ela e o mercado financeiro investe em indústrias farmacêuticas, a desigualdade na distribuição de vacinas mostra que, para além dos esforços pelo fim da pandemia, o que está evidente é a necessidade de uma luta pela superação das desigualdades sociais (Butler, 2022). O acesso à saúde não faz parte do mundo em comum, tampouco a vacina, a água e todas as exigências para uma vida vivível. “Quer se esteja ou não vivendo uma vida vivível, essa não é apenas uma questão existencial privada, mas também uma urgência econômica, instigadas pelas questões de vida e morte, consequências da desigualdade social” (Butler, 2022, p. 103-104).

Por uma compreensão sobre o que é o local da paisagem, as aberturas de discussão transcendem o que a vista alcança em uma paisagem política, tornam visível aquilo que, de tão perto, se naturaliza, colocando em pauta os usuários da paisagem como praticantes das ações inventivas do cotidiano.

Considerações finais

Retomando o objetivo central de discutir as paisagens vividas durante a pandemia de Covid-19, o exercício teórico e metodológico seguiu-se conforme um campo de pesquisa que parte de dentro do lugar. A visão não é suficiente para compreendermos um local. Ao nos colocarmos a distância, como se estivéssemos de fora, ficamos impedidos de sentir a autenticidade do lugar. Para compreender sua identidade, é preciso mergulhar nesse lugar com todos os sentidos, envolver-se com cada gesto e sensação que proporciona. A soma desses elementos possibilita definir de forma ampla a experiência do lugar – paisagens vividas.

Compreensões sobre o que é *local* conecta a cumplicidade das pessoas com uma paisagem que é habitada. Os costumes não estão postos como tradição espetacularizada a ser seguida, até porque o vernacular é móvel e atualizado; eles estão sobre a condição de habitar como verbo de ação.

O modo utilitarista da relação entre subjetividades e ambiente se mantém no retorno à normalidade. Apesar do impacto da pandemia de Covid-19, as pessoas não mudaram fundamentalmente. Em vez disso, aceleraram a busca para recuperar o que acreditam ter perdido, assim como os governos (com muitos editais de fomento). A ideia de perda econômica é irrelevante em comparação com a importância de recuperar nossos afetos e nossa oportunidade de redefinir nossa humanidade.

As paisagens vividas durante a pandemia têm a potência de fazer visíveis as pandemias no plural, quando as condições para um mundo vivível têm como parâmetro uma perspectiva mercadológica. O que se observa é que alguns viveram as paisagens em época de pandemia, enquanto outros tiveram apenas a experiência de assistir ao que a vista dos olhos alcançava ou ver a paisagem a distância. A pandemia decorrente de Covid-19 foi um desastre socioambiental, um fenômeno de todos, mas que não foi igual para todos. Captar experiências vernaculares nas paisagens vividas em época de pandemia é uma contribuição e inovação do estudo.

Os desastres socioambientais abrangem diferentes tipos de ocorrência e contextos, resultando em catástrofes que estão longe de poder ser chamadas de naturais. As epidemias foram fenômenos recorrentes ao longo da história, deixando paisagens marcadas por quadros de morte e violências múltiplas. O abandono por parte do Estado, principalmente das camadas mais pobres, agravou de forma recorrente os cenários de perdas e dor. No caso da epidemia de Covid-19, entende-se que as paisagens cotidianas registradas em âmbito local espelharam realidades que podem ser consideradas mundiais. Nesse sentido, no chamado mundo pós-coronial, precisamos tentar desvendar em tempos ditos de normalidade as memórias das paisagens vividas que fogem do bucólico. Não podemos esquecer que, em contextos de extrema violência, importa registrar as pessoas e as paisagem vividas que ali estavam, não restringindo o mundo nem os desastres socioambientais que compartilhamos a métricas econômicas.

Referências

- BALLESTA, J. John Brinckerhoff Jackson. Commencement Ceremony Speech, UC Berkeley's Department of Geography, 1986. *L'Espace Geographique*, v. 45, n. 3, p. 225-231, 2016.
- BESSE, J.-M. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BUTLER, J. *Que mundo é esse? Uma fenomenologia pandêmica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- CARVALHO, L. L. et al. Como trabalhar com narrativas: uma abordagem metodológica de compreensão interpretativa no campo das Ciências Humanas em Saúde. *Interface-Comunicação*, v. 25, 2021.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinar*. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer.* 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CONSELHO UNIVERSITÁRIO. *Resolução nº 29/2016, de 08 de dezembro de 2016.* Aprova o regimento da Univille. Joinville: Conselho Universitário, 2016. Disponível em: <https://www.univille.edu.br>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FERRO, D. M. Guanxuma (*Sida rhombifolia L.*): obtenção de extratos com potencial antioxidante por métodos a alta pressão e encapsulação via spray-drying. Tese (Doutorado em Engenharia de Alimentos) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Alimentos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. *Site da Fiocruz.* Covid-19. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/Covid19>. Acesso em: 18 nov. 2023.

GIDDENS, A. *Mundo em descontrole.* 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUERREIRO RAMOS, A. *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações.* Rio de Janeiro: FGV, 1981.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Site do Ibge.* Joinville (SC) – Panorama. Cidades IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/joinville/panorama>. Acesso em: 25 nov. 2025.

JACKSON, J. B. *Discovering the vernacular landscape.* Yale: Yale University Press, 1984.

KRENAK, A. *A vida não é útil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível.* São Paulo: Perspectiva, 2000.

MORIN, E. *Sociología.* Madri: Tecnos, 1995.

NODARI, E. S.; ESPÍNDOLA, M. A.; LOPES, A. R. S. (orgs.) *Desastres socioambientais em Santa Catarina.* São Leopoldo: Oikos, 2015.

OUR WORLD IN DATA (OWID). *Coronavirus Data Explorer.* OWID, 2023.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como outro.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SKLAIR, L. The corporate capture of sustainable development and its transformation into a “good Anthropocene” historical bloc. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 19, p. 296-314, 2019.

VIOLA, E.; BASSO, L. O sistema internacional no Antropoceno. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 31, 2016.

NOTAS

AUTORIA

Fernanda Dalonso

Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina/Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, na linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

contatoacademico.dalonso@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4720-0371>

Mariluci Neis Carelli

Doutora em Engenharia da Produção

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina/Professora titular e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS), na Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

mariluci.carelli@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0107-383X>

Roberta Barros Meira

Doutora em História Econômica

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville, Santa Catarina/Docente do curso de História e do Programa em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS), na Linha de Pesquisa Patrimônio, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

rbmeira@gmail.com

 <http://orcid.org/0000-0001-7739-216X>

INFORMAÇÕES SOBRE A OBRA

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa da tese “Paisagens vividas em época de pandemia de Covid-19”. Pesquisa vinculada ao projeto “A Paisagem Cultural: Viver o Patrimônio”. Dialoga com o projeto “Vida e sustentabilidade: impactos na saúde ambiental sobre o caso do transporte de cargas e resíduos perigosos na APA Serra Dona Francisca, em Joinville-SC”, de autoria de Fernanda Dalonso, junto ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (UNIVILLE), 2025.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho contou com o apoio de bolsa de doutoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Programa de Apoio aos Programas de Pós-Graduação emergentes e em consolidação em áreas prioritárias nos estados. Também amparado com bolsa de pós-doutoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Foi desenvolvido com o suporte interdisciplinar das pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE).

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Elaboração do manuscrito: F. Dalonso

Análise de dados: F. Dalonso

Discussão dos resultados: F. Dalonso; M.N. Carelli; R.B. Meira

Concepção, revisão e aprovação: F. Dalonso; M.N. Carelli; R.B. Meira

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Bolsa de doutorado. Edital de chamada pública FAPESC/CAPES nº 21/2021. Bolsa de pós-doutorado. Edital de chamada pública FAPESC nº 25/2025.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O projeto de pesquisa sob CAAE “58236822.5.0000.5366”, de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville (Univille).

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International*.

Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Eunice Sueli Nodari, Jo Klanovicz e Hernani Ciro Santana.

HISTÓRICO

Recebido em: 29-06-2025 – Aprovado em: 14-08-2025 – Publicado em: 09-12-2025